

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA

JANE VIANA ALMEIDA DE CARVALHO

**O BARCO DA GALILÉIA: UMA REFLEXÃO SOBRE A ARQUEOLOGIA
BÍBLICA NO AMBIENTE AQUÁTICO**

LARANJEIRAS

2014

JANE VIANA ALMEIDA DE CARVALHO

**O BARCO DA GALILÉIA: UMA REFLEXÃO SOBRE A ARQUEOLOGIA
BÍBLICA NO AMBIENTE AQUÁTICO**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Arqueologia do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia.

Orientador: Profº Drº Gilson Rambelli

LARANJEIRAS

2014

JANE VIANA ALMEIDA DE CARVALHO

**O BARCO DA GALILÉIA: UMA REFLEXÃO SOBRE A ARQUEOLOGIA
BÍBLICA NO AMBIENTE AQUÁTICO**

Aprovação _____ de _____ de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Profº Drº Gilson Rambelli (Orientador)- DAR/UFS

Profº Drº Paulo Bava de Camargo- DAR/UFS

Profº Drº Leandro Domingues Duran- DAR/UFS

AGRADECIMENTOS

Ao Criador, toda Honra e Glória, ao Deus do impossível, meu eterno louvor!

À minha família, em especial meus pais, irmão e esposo por todo carinho e companheirismo;

Ao meu orientador, professor Dr. Gilson Rambelli, por todo cuidado, confiança e aprendizado. Pela bolsa PIBIC e por todo conhecimento que ela proporcionou-me;

À Lion, Fany e Dora, pelo companheirismo e carinho de sempre;

Ao meu querido Teacher Jonathan Santos, por toda paciência;

Aos amigos: Jéssica Vieira, Elton, Jaciara, Elaine, Roberta Rosa, Layra, e Adriano Santos por toda força nos momentos difíceis;

A todos os amigos e companheiros da turma de 2010, meu total respeito e gratidão;

Ao Professor Dr. Rodrigo Silva, que através de importantes indicações bibliográficas, colaborou no desenvolvimento deste estudo;

As minhas amigas/irmãs Márcia Melo e Luana Silva. Deus me presenteou com vocês meninas. Márcia Melo obrigada pelo companheirismo e por estar sempre presente em todos os momentos bons e principalmente nos momentos difíceis. Lu obrigada por todo carinho mesmo a distancia. Obrigada por tudo! Com vocês a jornada se tornou mais fácil, mais divertida e não acaba aqui! Vamos seguir sempre juntas, aprendendo, rindo, chorando, viajando, escavando;

A todos os professores do curso de Arqueologia: obrigado por tornarem meu sonho possível! Por todo conhecimento que tão gentilmente nos concedeu pelas grandes oportunidades e de forma especial ao casal Albérico e Olivia que me proporcionaram grandes experiências no MAX;

A todos do MAX, em especial Railda Charmosa e Geo, essa Geo!

A todos os amigos, colegas e todos aqueles que, de uma forma ou de outra, mesmo distantes, fizeram parte dessa linda jornada.

RESUMO:

Este trabalho visa refletir sobre a Arqueologia Bíblica dentro do ambiente aquático referente ao mar da Galileia. Em 1986 foi encontrado as margens do lago um barco datado do primeiro século. A importância dessa descoberta deve-se ao fato de que pouco se conhece sobre as embarcações que navegaram no Mar da Galileia nesse período. Pesquisas recentes constataram a presença de 15 portos antigos, ancoradouros ao redor do lago e um cerco de peixe submerso. Essas descobertas proporciona uma reflexão sobre como era o ambiente aquático da Galileia e permite estabelecer uma visão da Arqueologia Bíblica no contexto do Ambiente Aquático.

Palavras-chave: Arqueologia Bíblica, Arqueologia de Ambientes Aquáticos, Barco da Galileia.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the Biblical Archaeology within the aquatic environment related to the Sea of Galilee. In 1986 a boat dated to the first century was found in the lake shore. The importance of this finding is due to the fact that little is known about the ships that sailed the Sea of Galilee during this period. Recent research found the presence of 15 ancient harbors, anchorages around the lake and a siege of submerged fish. These findings provide a reflection on the aquatic environment as it was in Galilee and establishes a vision of Biblical Archaeology in the context of the Aquatic Environment.

Keywords: Biblical Archaeology, Archaeology of Aquatic Environments, Galilee Boat.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Pedra de Roseta com inscrições em hieróglifos, demótico e grego, atualmente em exposição no Museu Britânico.....	13
Figura 2- Mapa da região da Galileia mostrando a região entre montanhas e depressões.....	14
Figura 3 - Escafandro pés pesado.....	21
Figura 4 - Reconstrução de uma atividade de pesca na cidade de Cafarnaum no primeiro século.....	24
Figura 5 - Peixe um dos símbolos mais antigos do cristianismo.....	25
Figura 6 - Reconstrução da Cesaréia Marítima às margens do Mar Mediterrâneo.....	26
Figura 7 - Cenote de Yucatan na América Central, exemplo de um sítio santuário com remanescentes humanos	27
Figura 8 - Barco abandonado às margens do rio Cotinguiba, na cidade de Laranjeiras – SE.....	28
Figura 9 - Blocos de pedra que pertenceram ao Farol de Alexandria.....	30
Figura 10- Escavação do barco da Galileia enterrado na lama	31
Figura 11 - Imagens do sonar de varredura lateral, utilizado nas pesquisas do Mar da Galileia.....	33
Figura 12 -Estrutura circular de pedras de basalto submersa no Mar da Galileia.....	33
Figura 13 -Mapa da Palestina no Novo Testamento.....	35
Figura 14 - Mar da Galileia e o curso do rio Jordão e Mar Morto.....	36
Figura 15 - Cidades ao redor do Mar da Galileia nos tempos do Jesus histórico.....	37
Figura 16 - Reconstrução de Cafarnaum do século I.....	38
Figura 17 - Ruínas da Casa de Pedro em Cafarnaum.....	39
Figura 18 - Reconstrução de Tiberíades do primeiro século, situada no lado ocidental do Mar da Galileia.....	40
Figura 19 - Mapa atual do Mar da Galileia.....	41
Figura 20 - Foto de um Kibutz situado no Mar da Galileia.....	42
Figura 21 - Escavação do barco da Galileia. Arqueólogos retirando a lama.....	43
Figura 22- O barco da Galileia flutuando depois de dois mil anos.....	44

Figura 23 - O barco da Galileia envolvido na substancia chamada polietano.....	45
Figura 24- Barco da Galileia exposto no museu do Kibutz de Ginosar.....	46
Figura 25 - Modelo de um navio mercante romano, datado do século I a.C.....	48
Figura 26 - Mosaico de um barco encontrado em Magdala.....	48
Figura 27- Reconstrução de uma casa com pátio em Cafarnaum do século I, baseado na casa de Pedro.....	49
Figura 28 - Imagens da estrutura submersa de basalto encontrada no Mar da Galileia	50
Figura 29 - Mapa dos portos antigos ao redor do Mar da Galileia.....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. ARQUEOLOGIA BÍBLICA.....	12
2. ARQUEOLOGIA DE AMBIENTES AQUÁTICOS.....	19
2.1. Os Sítios Arqueológicos de Ambientes Aquáticos	26
2.2. Métodos e Técnicas de Investigação Arqueológica em Ambientes Aquáticos	31
3. A GALILEIA: DOS TEMPOS BÍBLICOS E ATUAL.....	35
4. O BARCO DA GALILEIA.....	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

Introdução

Os estudos desenvolvidos na Arqueologia Bíblica no que se refere ao ambiente aquático são praticamente escassos. Exclusões feitas ao longo da história da relação do homem com o meio aquático têm atrasado a eclosão de uma visão abrangente que destaque os traços específicos e operacionais do território desta Arqueologia em particular (BLOT, 1999). Da mesma forma barcos têm sido frequentemente ignorados pelos manuais de arqueologia. Contudo, praticamente tudo o que saiu das mãos do homem fez, em qualquer tempo, parte da carga de navios (BASS, 1969) e os sítios de ambientes aquáticos de modo geral são de boa conservação, especialmente os de naufrágios (RAMBELLI, 2002).

A região do Mar da Galileia foi palco das principais narrativas bíblicas do Novo Testamento. Na antiguidade ela fazia parte do Império Romano e tinha a pesca como item fundamental na economia, tanto dos galileus quanto dos romanos. A pesca na bíblia é associada como uma forma figurativa do julgamento divino contra as nações (DOUGLAS, 2006) e até mesmo um dos símbolos cristãos mais antigos é a figura de um peixe (GONZÁLEZ, 1995).

Em 1986 as águas do Mar da Galileia recuaram em consequência de um longo período de estiagem. Dois jovens, filho de pescadores localizaram as margens do lago uma embarcação enterrada na lama que posteriormente foi datada do primeiro século (SILVA, 2008). A importância desta descoberta deve-se ao fato de que pouco se conhece sobre as embarcações do Mar da Galileia dos tempos bíblicos. As únicas informações são provenientes de mosaicos com desenhos de barcos ou dos escritos de Flávio Josefo (SILVA, 2008). Pesquisas realizadas pelo Departamento de Antiguidades na década de 1970 identificaram a presença de 15 portos antigos e ancoradouros ao redor do lago.

Essas abordagens permitem reflexões sobre o ambiente aquático da Galileia. Nesse sentido, procuramos estabelecer um diálogo entre a Arqueologia Bíblica e a Arqueologia de Ambientes Aquáticos, trazendo através da cultura material, importantes contribuições para a compreensão do cotidiano ao redor do lago.

Esta monografia está organizada em quatro capítulos. O primeiro trata da história da Arqueologia Bíblica apresentando sua trajetória desde as primeiras pesquisas até a atual situação na região.

O segundo capítulo discute o início da Arqueologia de Ambientes Aquáticos e apresenta os tipos de sítios desse ambiente, pontuando alguns lugares bíblicos e atividades relacionadas ao ambiente aquático. Em seguida são abordados os métodos e técnicas de investigação em ambientes aquáticos.

O terceiro capítulo contém informações sobre a região da Galileia desde o período do Novo Testamento até os dias atuais. Explana as cidades ao redor do lago e suas relações com o ambiente aquático.

O quarto capítulo busca estabelecer um diálogo entre a Arqueologia Bíblica e a Arqueologia de Ambientes Aquáticos, tendo como ponto de partida a descoberta do barco da Galileia. Dessa forma, visa refletir sobre esse ambiente aquático bíblico.

Por fim, nas considerações finais, buscou-se pontuar alguns problemas nas pesquisas arqueológicas da Galileia bem como chamar a atenção para o seu potencial arqueológico principalmente no que diz respeito ao ambiente aquático.

1 - A Arqueologia Bíblica

Arqueologia Bíblica é um tema pouco explorado na Academia brasileira bem como pesquisas arqueológicas relacionadas ao ambiente aquático bíblico, sendo este último praticamente inexistente. Parte dos pesquisadores não apenas brasileiros, mas de um modo geral são teólogos. Os demais se dividem entre arqueólogos, historiadores e antropólogos. Os temas envoltos nessa área são variados como a Arqueologia Clássica, relações de política e poder no desenvolvimento da Arqueologia Bíblica, representação das mulheres no primeiro século, cristãos primitivos entre outros.

Dentre os pesquisadores brasileiros, Gabriella Barbosa Rodrigues apresenta na dissertação de mestrado que tem por tema: *“Arqueologia Bíblica, um estudo de narrativas e discursos acerca de sua constituição como disciplina”*, uma abordagem mais detalhada da trajetória da Arqueologia Bíblica, sendo esse o motivo pelo qual faremos uso principalmente desse trabalho para a construção do capítulo de Arqueologia Bíblica da presente pesquisa.

Segundo Sean Freyne, 2008, Estudiosos do judaísmo e cristianismo primitivo têm suas bases de pesquisa em fontes literárias para construir diferentes imagens do cenário bíblico. No entanto, a Arqueologia como disciplina vem gradualmente apresentando informações independentes dessas fontes literárias tradicionais e, com o uso de dados mais sofisticados, vem ampliando a interpretação sobre as sociedades antigas, trazendo novas abordagens no que diz respeito à esfera regional e social. O Departamento de Antiguidade do Estado de Israel tem trabalhado ativamente na exploração e exposição dos achados do patrimônio histórico nacional à medida que esses são recuperados (FREYNE, 2008).

Não se pode definir precisamente quando surgiu a Arqueologia Bíblica, contudo sabe-se que ela resulta de dois grandes movimentos, um ligado a Bíblia e outro à Arqueologia. A busca pelas “origens” e pelo passado nobre e glorioso esteve presente desde a Antiguidade. Nessa esfera o homem se aventurava na arte de retirar objetos da terra para ter o “passado” na forma de artefato. Isso simbolizava conhecimento, poder político, além de um bom pretexto em práticas colonizadoras e regimes políticos autocráticos (RODRIGUES, 2011).

No Império de Constantino, depois que o cristianismo passou a ser a religião oficial, a Palestina foi oficializada como “Terra Santa”, inserida na topografia religiosa.

(RODRIGUES, 2011) Aos 78 anos de idade, Helena, a mãe do Imperador Constantino percorreu a região da Palestina procurando mapear os lugares onde Jesus Nazareno passou e igrejas foram construídas, sob sua ordem, para delimitar esses locais (SILVA, 2008).

Quando Napoleão invadiu o Egito, levou entre o exército uma equipe composta por 175 cientistas com o encargo de mapear e descrever o território. Esses pesquisadores coletavam artefatos e informações e faziam desenhos que posteriormente foram transformados em uma enciclopédia de 24 volumes intitulada *Déscription de l’Egypte* (1809-1813), que serviu de base para a Arqueologia moderna.

Em meio aos artefatos coletados pelos pesquisadores estava uma placa de basalto, que com o tempo recebeu o nome de “Pedra de Roseta”. Nela, havia inscrições em hieróglifos, demótico e grego. Após análise e tradução feita pelo filólogo francês Jean François Champollion, o achado permitiu que fosse decifrado as antigas línguas egípcia hieróglifos e a demótica. Segundo Silva, 2008, a Pedra de Roseta é considerada por alguns pesquisadores, um marco histórico para a Arqueologia Bíblica Moderna, já que a tradução deu acesso a um passado remoto. Dessa forma, histórias como a do Êxodo e a peregrinação dos hebreus puderam ser compreendidas (SILVA, 2008).

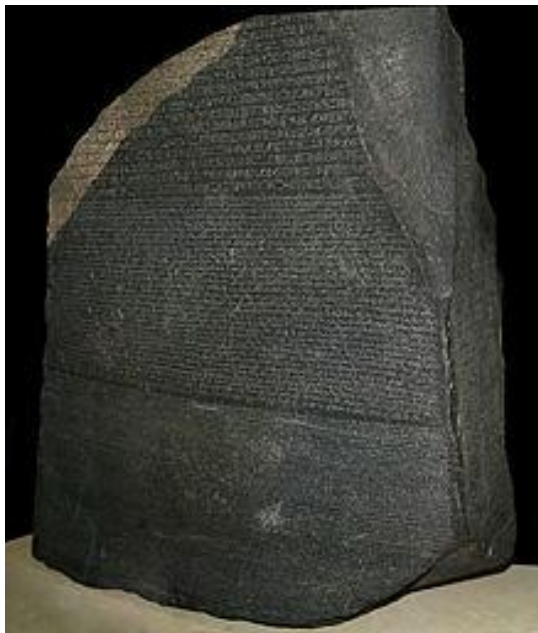


Figura 1: Pedra de Roseta com inscrições em hieróglifos, demótico e grego, atualmente em exposição no Museu Britânico. Imagem disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedra_de_Roseta , acesso em 28.10.2014.

Com a retirada das tropas francesas da região, o geólogo e professor de mineralogia em Cambridge, Edward Daniel Clarke, entrou em 1801, como civil, na Palestina, protegido por tropas Britânicas, com a finalidade mapear a região e os sítios arqueológicos, saindo da rota tradicional de peregrinação, ele produziu uma espécie de relatório arqueológico fazendo uso de conhecimento secular e não da tradição eclesiástica (RODRIGUES, 2011).

No ano de 1802, um alemão chamado Ulrich Jasper Seetzen tornou-se o primeiro europeu desde os tempos das cruzadas a viajar pela Palestina fazendo uma nova análise da parte leste do Mar da Galiléia, do curso do rio Jordão e das montanhas do Sinai. Ele também descobriu a cidade de Gérasa, região dos gerasenos, na Jordânia e a Filadelfia que pertencia a Decápolis citada no texto bíblico. Seetzen fez uma coleta de artefatos, moedas, amostras de plantas, sementes, insetos e pequenos animais, de todos os lugares por onde percorreu enviando todo material para a Europa. Seus relatórios foram traduzidos e publicados na Inglaterra tendo o título de *“Abrie account of the Countries adjoining the Lake of Tiberias, the Jordan, and the Dead”*. Após sua morte, seus diários foram reunidos e publicados em 1854 (RODRIGUES, 2011).



Figura 2: Mapa da região da Galileia mostrando a região entre montanhas e depressões. Imagem disponível em <http://www.bible-history.com/geography/ancient-israel/taricheae.htm>, acessado em 10.09.2014.

O suíço Johann Ludwing Burkhardt, aluno de Clarke, inconformado por não ter nenhum viajante inglês na região, disfarça-se de mulçumano e, a serviço da Inglaterra e seguindo os passos de Seetzen, inicia uma missão para expandir a influência britânica na região. Em 1812, localiza a antiga cidade de Petra, citada no Antigo Testamento. Essa descoberta foi considerada a mais importante de sua viagem. A partir das descrições feitas por Burkhardt sobre o vale do Aravá, pesquisadores desenvolveram a teoria da ligação tectônica entre os mares Morto e Vermelho, além de perceberem que era necessário conhecer o Árabe e Hebraico para entender os topônimos em Árabe e para localizar sítios antigos (RODRIGUES, 2011).

Baseado na rota de Burckardt o inglês James Silk Buckingham fez uma expedição à Palestina com a justificativa de contribuir para o conhecimento científico da região. No entanto, suas pesquisas estavam mais voltadas para as riquezas do presente e Buckingham trouxe importantes informações sobre a situação política da região e as atividades do povo como hábitos alimentares e tipo de vestimentas (RODRIGUES, 2011).

No ano de 1838 os norte-americanos Edward Robinson e o Reverendo Eli Smith, membros da *American Board of Commissioners for Foreign Missions* fizeram uma expedição à Palestina. O objetivo central da viagem era explorar aspectos topográficos e geográficos da região. Robinson usou o texto bíblico como o guia para a expedição e o utilizava como base para julgar outras evidências. Considerado o “Pai da Arqueologia Bíblica”, mapeou e identificou mais de cem sítios bíblicos que permanecem com suas localizações corretas até os dias atuais. Como chave para localizar esses sítios, Robinson analisou os processos de mudanças fonéticas e fez a identificação a partir de seus nomes árabes. Os resultados das pesquisas foram publicados em 1841 como *Biblical Researches in Palestina, and the Adjacent Regions* e no ano de 1856 foi lançada uma nova edição com o título de *Later Biblical Researches in Palestina*, onde foi incluso novos mapas e planos e a segunda etapa da viagem (RODRIGUES, 2011).

Após alguns anos foram instituídas na segunda metade do século XIX diversas sociedades em toda a Palestina visando controlar e promover pesquisas tendo uma abordagem mais científica da região. A primeira foi a PEF, *Palestine Exploration Fund*, criada em 1865, com o objetivo de promover pesquisas científicas sobre a Arqueologia, Geografia, Geologia e a Historia Natural da Palestina com interesses nacionais e religiosos (RODRIGUES, 2011).

No ano de 1870 foi criada a SBA – *Society of Biblical Archaeology* que tinha como finalidade estudar a cronologia, as investigações arqueológicas e geográficas e a história moderna e antiga das Terras Bíblicas. Outra contribuição da SBA foi à preservação do registro contínuo das descobertas. Em seguida, através de um acordo os otomanos conferiam autorização para que os alemães pudessem conduzir suas expedições científicas. Nasce então às germânicas *Deutscher Verein zur Erforschung Palästinas* (1877) e a *Deutsche Orient-Gesellschaft* (1898). Esse investimento alemão permitiu o estreitamento das relações com Constantinopla e combateu as políticas inglesas e francesas de controle dos sítios e templos bíblicos mais importantes da região (RODRIGUES, 2011).

Em 1890 foi fundada pelos franceses na cidade de Jerusalém a EBAF – *École pratique d'Études bibliques du Couvent Saint Étienne*, que se tornou o mais antigo centro de pesquisas bíblicas e arqueológicas da região. O propósito da EBAF consistia em estudar a Bíblia no seu contexto físico e cultural e dessa forma ela foi consagrada como o centro de referência em traduções, incluindo a famosa tradução intitulada Bíblia de Jerusalém, criada em 1956. Produziu também 682 artigos científicos e publicou 42 obras (RODRIGUES, 2011).

Com a necessidade da presença oficial norte-americana na Palestina, em 1900 foi fundada a ASOR, *American Schools of Oriental Research*. Apresentava o estilo da American School of Classical Studies in Athens, além de ser uma sociedade científica sem definição religiosa embora tivesse interesse na Bíblia. No entanto, seu objetivo principal era capacitar pessoas qualificando-as para as pesquisas e estudos bíblicos, linguísticos e arqueológicos, sem nenhuma preocupação em comprovar os textos bíblicos (RODRIGUES, 2011).

A criação das Sociedades de Pesquisas contribuiu de forma significativa para a profissionalização da Arqueologia na Palestina. As expedições traziam investimentos que aperfeiçoavam as técnicas de campo e obtinham resultados eficientes. O inglês William Matthew Flinders Petrie considerado o “pai da Arqueologia na Palestina”, consagrado pelas escavações no Egito, trouxe o conceito de tipologia e estratificação e estabeleceu uma metodologia chamada de datação sequencial. Dessa forma, materiais que antes eram desprezados passaram a fazer parte das pesquisas como no caso das cerâmicas não decoradas ou dos fragmentos de cerâmica.

Outro método importante para a Arqueologia Bíblica foi o *Reisner-Fisher*, criado por George Andrew Reisner e o arquiteto Clarence Stanley Fisher, que priorizava o registro do trabalho de campo na forma de anotações combinadas com fotografias detalhando o contexto do artefato e sua retirada. Reisner aplicou esse método ao escavar a cidade bíblica de Samaria. Com uma equipe de profissionais treinados que trabalharam com ele no Egito, Reisner e o arquiteto Clarence Stanley Fisher, chegaram à conclusão que diferentes períodos de ocupação não seriam encontrados de forma regular. Dessa forma concluiu-se que não se pode esperar que os estratos fossem horizontais e regulares. No caso da Palestina esses estratos deveriam receber mais atenção para que se pudessem definir os diferentes períodos de ocupação (RODRIGUES, 2011).

Essa foi a trajetória da Arqueologia Bíblica. Atualmente, a arqueologia em Israel faz parte do cotidiano de um israelense comum. Com o estabelecimento do Estado de Israel, o governo local passou a ter controle sobre as escavações em todo o território através do Departamento de Antiguidades. No entanto, desde o início a Arqueologia Bíblica esteve envolvida em dois dilemas onde de um lado buscava-se comprovar o relato bíblico e do outro a expansão imperial das potências da época (RODRIGUES, 2011). A região da “Terra Santa” é cheia de vínculos com as três maiores religiões mundiais, o cristianismo, judaísmo e o islamismo. Os trabalhos arqueológicos continuam envoltos em dilemas onde muitas vezes os objetivos estão relacionados à busca de provas que colaborem para reivindicações territoriais (KINDERSLEY, 2012).

A Arqueologia de Bíblica no que se refere ao ambiente aquáticos da Galileia tem sido desenvolvida paulatinamente. Além do barco da Galileia descoberto em 1986, pesquisas realizadas no verão de 2003, utilizando um Sonar de varredura lateral (325 KHz) identificou uma estrutura de pedras submersa, na parte ocidental do Lago (JORNAL DE ARQ, NAUTICA, 2013). Outro trabalho realizado pelo Departamento de Antiguidades identificou dezesseis portos e ancoradouros na costa oriental do lago (FRANZ, 1991).

Nessa perspectiva pretende-se com este trabalho contribuir de forma expressiva para a Arqueologia Brasileira, refletindo sobre a Arqueologia Bíblica no ambiente aquático do Mar da Galileia e estabelecendo um diálogo entre a Arqueologia de

Ambientes Aquáticos e a Arqueologia Bíblica. Dessa forma espera-se trazer informações significativas para o entendimento do cotidiano ao redor do mar da Galileia, através da cultura material, incluindo os resultados das pesquisas arqueológicas atuais e leitura crítica das fontes textuais. No que se refere à cultura material, Chervitarese, 2012 e Funari, 2012 afirmam que,

[...] As evidências materiais podem referir-se a indivíduos, mas em sua imensa maioria rementem à vida quotidiana. Os restos arqueológicos têm sido muito significativos para o conhecimento da sociedade à época de Jesus (CHERVITARESE, 2012; FUNARI, 2012, p 15).

No entanto somente nos últimos anos pesquisadores bíblicos começaram a levar em conta os resultados das escavações arqueológicas. Porém, esses resultados ainda não são incorporados regularmente nos relatórios das pesquisas arqueológicas, trazendo dessa forma algumas dificuldades no que diz respeito a mecanismos conceituais que possibilitem uma análise mais adequada de artefatos específicos (HORSLEY, 2000).

Segundo Jean Yves Blot (1999), arqueólogo naval, as exclusões feitas ao longo da história da relação do homem com o meio aquático têm atrasado a eclosão de uma visão abrangente que destaque os traços específicos e operacionais do território desta Arqueologia em particular. O estudo arqueológico não dever se limitar a questões geográficas, culturais ou mesmo acadêmicas. Quanto a isso, George Bass assegura que,

[...] Todos são indivíduos que procuram obter respostas para muitas questões que se põem sobre o passado do homem e estão habituados a explorar e a interpretar edifícios antigos, túmulos e até cidades inteiras a partir de artefatos encontrados nos locais. (BASS, 69)

Partindo do pressuposto de que todos os indivíduos deixam seus vestígios e o fato de ser Arqueologia Bíblica explorando o ambiente aquático denota ser o mesmo trabalho arqueológico, mas em um ambiente diferente. Arqueólogos que trabalham em uma montanha não são chamados de arqueólogos das montanhas, nem os que trabalham nas selvas de arqueólogos de selva. Nesse contexto, segundo Bass, 1969 “Tudo é arqueologia” (BASS, 69).

2 – A Arqueologia de Ambientes Aquáticos

Segundo DURAN, 2012 o surgimento da Arqueologia de Ambientes Aquáticos passou por três processos, a consolidação dos ambientes aquáticos como fonte de conhecimento arqueológico, a solução do distanciamento entre o pesquisador e o ambiente e a progressiva especialização dos objetos de pesquisa. Mas assim como a Arqueologia Terrestre teve seu início com aventureiros e colecionadores, mergulhadores aventureiros também fizeram parte da Arqueologia de Ambientes Aquáticos contribuindo diretamente para o seu desenvolvimento com equipamentos e técnicas que induziram ao atual mergulho arqueológico científico. Os primeiros mergulhadores habitavam nas regiões litorâneas e como atestam alguns sítios arqueológicos eles mergulhavam usando somente a capacidade física na busca por alimentos como esponjas e ostras além de outros produtos. É provável que esse mergulho livre seja anterior à própria origem da navegação (RAMBELLI, 2002).

Na Antiguidade Clássica era comum a coleta do búzio da púrpura, um molusco que fornecia púrpura, o corante mais cobiçado da época que representava a cor da nobreza. Os mergulhadores eram profissionais respeitados e coletavam o molusco responsável pelo enriquecimento de muitos na Antiguidade. Na Roma Antiga, principalmente no período imperial, mergulhadores chamados de uniatores trabalhavam na recuperação de cargas de navios naufragados ou lançadas intencionalmente na água ou caídas durante tempestades (RAMBELLI, 2002).

Um exemplo desse tipo de atividade é o Sítio Arqueológico Madrague de Giens, na França onde na década de 1980 os arqueólogos Pomey e Tchernia encontraram vestígios da presença dos uniatores na recuperação da carga de uma embarcação romana com cerca de três mil ânforas de vinho. No Brasil as atividades de mergulho estão presentes nos comentários de alguns cronistas desde o século XVI como Hans Staden e José de Anchieta. Da mesma forma nas pinturas rupestres de algumas regiões brasileiras há representações de cenas de navegação como as pirogas e da arte da pesca. Nos Sambaquis, um tipo de sítio arqueológico pré-colonial comum no Brasil é encontrado restos alimentares de peixes e moluscos provenientes de atividades subaquáticas (RAMBELLI, 2002).

O ambiente aquático foi consolidado como fonte de conhecimento arqueológico inicialmente no período do Renascimento, onde o conceito de civilização encontrar-se associado ao conhecimento, sendo esse um instrumento de poder e prestígio social. A curiosidade e o colecionismo faziam parte de um comportamento antiquarista onde pessoas colecionavam objetos antigos nos gabinetes de curiosidades, estimuladas pelo fascínio às antigas sociedades da Grécia e Roma, cidades essas com uma cultura marítima intensa (DURAN, 2012).

O interesse pelo ambiente aquático acompanha numerosas invenções e projetos elaborados com o propósito de tornar possível o acesso ao “mundo submerso”. Leonardo da Vinci fez desenhos de nadadeiras e de um respirador superficial semelhante a um Snorkel. Aristóteles na Antiguidade comentou sobre o Sino de Observação Subaquática que em 1616 foi desenhado pela primeira vez por Frans Kessler e aperfeiçoado pelo físico astrônomo inglês Edmund Halley no final do século XVII. O arquiteto Léon Batista Alverti em 1446 coordenou mergulhadores na frustrada tentativa de realizar um resgate subaquático de duas embarcações romanas no lago Nemi na Itália, seguido pelo italiano Francesco Dermarchi, que em 1535, com o uso de um capacete de madeira com visor de cristal mergulhou no mesmo lago. Esse foi o primeiro reconhecimento arqueológico com equipamento de mergulho (RAMBELLI, 2002).

O primeiro trabalho utilizando o sino de mergulho com sucesso foi o do navio Vasa em 1664 na Suécia, onde Hans Albrekt von Treileben e Andreas Peckell conseguiram recuperar 64 canhões de bronze do navio a 30 metros de profundidade. Klinger no final do século desenvolveu o escafandro: um sistema de mergulho alimentado por um reservatório de ar comprimido não renovável. Porém em 1819 o alemão Auguste Siebe restringiu o sino de mergulho a um capacete de cobre nutrido por uma bomba de ar comprimido instalada na superfície enviando ar através de uma mangueira ao capacete do mergulhador, sistema esse conhecido como cordão umbilical. Esse equipamento foi chamado de “escafandro pés pesado” também conhecido como escafandro pesado, que em 1837 recebeu uma roupa apropriada permitindo maior mobilidade ao mergulhador sendo, porém aperfeiçoado e utilizado por mais de um século (RAMBELLI, 2002).



Figura 3: Escafandro pés pesado. Imagem disponível em: <http://avant.dernieres.blogges.com.br>, acesso em 04.09.2014

O ambiente aquático principalmente submerso ao longo da história fez parte do desejo de aventureiros. Trazer a superfície artefatos representava uma espécie de recompensa e glória pessoal (RAMBELLI, 2002). No entanto, enquanto a arqueologia terrestre aprimorava suas técnicas e procedimentos, a de ambientes aquáticos continuava com um caráter aventureiro sem uma análise contextual ou metodológica. Porém, em 1946 o pesquisador, René Baucaire coordenou em Fossur-Mer, na França, a escavação de uma vila portuária do período romano, utilizando técnicas de mergulho livre para realizar as intervenções na porção submersa. Essa foi à primeira tentativa de levar a percepção e o olhar arqueológico para o fundo do mar (DURAN, 2012).

A distância entre o pesquisador e o ambiente submerso começou a ser resolvida quando o comandante da Marinha Francesa Jacques Cousteau e o engenheiro canadense Émile Gagnan criaram na década de 1940 um equipamento de mergulho autônomo chamado Aqualung. Esse equipamento facilitou os movimentos dos mergulhadores atendendo as exigências da exploração no ambiente aquático. Através do emprego de um cilindro de ar comprimido ajustado por um sistema de válvulas automáticas que liberava o fluxo de ar com base na pressão exterior. A equipe de Jacques Cousteau realizou uma escavação fazendo o uso desse equipamento entre os anos de 1952 e 1957, na região de Marselha, próximo aos rochedos de Grand Congloué e encontrou restos de um naufrágio. O arqueólogo Fernand Benoit comandou o trabalho da superfície de forma detalhada e controlada por meio de instruções e fazendo uso de um sistema de televisão subaquática o que, no entanto não seguiu os mesmos padrões contextuais da arqueologia terrestre. Ao analisar em superfície o material coletado notou-se que os restos do naufrágio não eram de uma embarcação e sim de duas, sendo uma sobrepondo à outra. Torna-se, portanto evidente a necessidade do arqueólogo mergulhar (RAMBELLI, 2002; DURAN, 2012).

As tabelas de descompressão, criadas na década de 1950 pelo médico escocês John Scott Haldane, foram fundamentais para solucionar os problemas ligados à fisiologia do mergulho. Dessa forma a prática não ficou restrita apenas a pessoas com determinadas aptidões físicas e o ato de mergulhar ficou mais democrático (DURAN, 2012). Mas o primeiro arqueólogo a romper as barreiras do mergulho foi o norte-americano George F. Bass que, conduzindo um grupo de pesquisadores do Museu da Universidade de Pensilvânia na década de 1960 e realizou uma escavação completa embaixo d'água utilizando métodos e técnicas que garantiram a igualdade científica entre a arqueologia subaquática e a arqueologia praticada em terra (RAMBELLI, 2002).

A aproximação entre o arqueólogo e o ambiente submerso foi determinante para a especialização dos objetos de pesquisa. O mergulho autônomo fez com que os artefatos submersos fossem analisados dentro do contexto. Dessa forma a cultura material submersa deixou de ser somente um objeto resgatado da água para se transformar em um importante exemplar da interação entre o homem e o ambiente aquático (DURAN, 2012). Quanto a isso, Gilson Rambelli afirma que,

Assim como os sítios arqueológicos da superfície, os sítios arqueológicos submersos também são caracterizados pela existência de testemunhos de atividades humanas, ou seja, pela presença de restos de cultura material, localizado no ambiente aquático. Esses restos de cultura material (artefatos, estruturas, paisagens, etc.) são denominados oficialmente “patrimônio arqueológico” (RAMBELLI, 2002, p 37).

Portanto o objeto de pesquisa da arqueologia é o mesmo, seja em um ambiente submerso ou na superfície, uma vez que “todas as ações humanas deixam seus vestígios materiais” e são fundamentais para a reconstrução dos processos culturais do passado. O fato de o arqueólogo utilizar um equipamento de mergulho autônomo não deve ser um empecilho para o desenvolvimento de suas atividades, pois os princípios teóricos utilizados são os mesmos em qualquer espaço (RAMBELLI, 2002). Nesse sentido, a temática do ambiente aquático como fonte de pesquisa cresceu em meados do século XX, sendo tratado com maior seriedade pelas ciências humanas e considerado um fator importante na compreensão de determinadas culturas e comportamentos humanos (DURAN, 2012).

O ambiente aquático também está presente no texto bíblico no que se refere ao Novo Testamento. Havia ao redor do lago da Galileia várias aldeias de pescadores (BÍBLIA ARQUEOLÓGICA, NVI, 2013). Nas imediações de Cafarnaum alguns pescadores locais foram escolhidos como discípulos do Jesus histórico como é o caso de Pedro e seu irmão André, João e Tiago, sendo Pedro o mais conhecido. As terras ao redor do lago eram férteis e propícias para a agricultura. Os pescadores costumavam lançar redes ou tarrafas dos seus barcos. Em Cafarnaum, era comum a presença de ancoradouros de pedras de basalto amontoadas junto às águas, sendo inferiores as que são encontradas na baía da Cesaréia Marítima. Nesses ancoradouros os pescadores constantemente remendavam suas redes de pesca (CROSSAN, 2007).

O nome de alguns lugares ao redor do lago, frequentadas pelos discípulos pescadores indicam a relação com a pesca como Tarichea, nome grego de Magdla que se refere a atividade de salgar peixe (FREYNE, 2008). Segundo FREYNE, 2008, além dos evangelhos, outras fontes literárias reforçam a ideia da importância da pesca, como os escritos de Flavio Josefo que o lago contém espécies de peixe diferentes em gosto e aparência daquelas encontradas em outras águas (FREYNE, 2008).



Figura 4: Reconstrução de uma atividade de pesca na cidade de Cafarnaum no primeiro século. Imagem disponível no livro de CROSSAN, 2007.

O ambiente aquático faz parte da história do cristianismo e está presente não apenas no Novo Testamento como também no Velho Testamento. Algumas referências do Velho Testamento descrevem navios de Társis, cidade portuária, rica em metais exportados para lugares como Jope e Tiro, que navegavam em alto mar em rotas comerciais, levando metais e outros produtos (Jn 1:3, Ez 27). O rei Salomão, conhecido dos textos bíblicos dispunha de uma frota de navios de Társis, (1Rs 10:22, 22:48) embarcações de alto bordo capaz de transportar cargas pesadas (Ez 27:25) (DOUGLAS, 2006).

A pesca é empregada no Antigo Testamento como uma forma figurativa do julgamento divino contra as nações e indivíduos. O “reino dos céus” é comparado a uma rede de pesca e os discípulos foram chamados para serem “pescadores de homens” (DOUGLAS, 2006). Um dos símbolos cristãos mais antigos é o peixe cujo simbolismo deriva da palavra grega ΙΧΘΥΣ, que significa peixe e suas letras são as iniciais da frase “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador” (GONZÁLEZ, 1995).



Figura 5: Peixe um dos símbolos mais antigos do cristianismo. Imagem disponível em *Blog: Ponto de evangelização*. Acesso em 21.08.2014.

Herodes rei dos judeus no ano 37-4 a.C iniciou seu reinado no mundo romano exterior com a construção da Cesaréia Marítima, chamada assim para diferenciá-la da Cesaréia de Filipos, construída posteriormente nas cabeceiras do rio Jordão, próximo ao monte Hermom. Cesaréia Marítima foi construída com uma grande baía e diques dentro do mar, além de um farol que guiava as embarcações aos armazéns para desembarque dos produtos. A cidade, dedicada à deusa Roma e a César Augusto, foi construída em uma planície ortogonal rígida onde as principais avenidas terminavam num grande templo dedicado a deusa. Como Cesaréia não possuía fontes naturais, o rei Herodes construiu um grande aqueduto sobre pilares, para o abastecimento local, trazendo água de longe (CROSSAN, 2007).

A cidade, juntamente com o Porto Sebastos, foi o mais ambicioso projeto do Mediterrâneo oriental, sendo o porto responsável pelo realimento das rotas comerciais do Oriente e pela abertura das rotas do Mediterrâneo. Além do porto, foram construídos 800 pés de quebra-mar para a baía que invadiam o mar aberto e vários diques para abrigar um ancoradouro. Os caís foram construídos com cimento hidráulico, revestidos da mistura de pozolana e areia vulcânica, proveniente da bacia de Nápoles. Foi dessa cidade que Paulo, considerado discípulo de Jesus, partiu em viagem a Roma (CROSSAN, 2007).



Figura 6: Reconstrução da Cesaréia Marítima às margens do Mar Mediterrâneo. Imagem disponível no livro de CROSSAN, 2007.

2.1 – Os Sítios Arqueológicos de Ambientes Aquáticos

Os sítios de ambientes aquáticos são, de forma geral, bem preservados, principalmente os submersos, de naufrágios e de áreas portuárias, sendo os de naufrágios os mais conhecidos. O ambiente aquático colaborou para o bom estado de preservação do Barco da Galileia, pois os sedimentos e a lama o protegeram das bactérias e da deterioração (CROSSAN, 2007). Os sítios de ambientes aquáticos estão classificados em quatro categorias: os Santuários (depósitos rituais), os Depositários (depósito ou abandono), sítios Terrestres Submersos e os de Naufrágio (RAMBELLI, 2002).

Os sítios santuários são formados por depósito intencional de artefatos variados, até mesmo esqueletos humanos oriundos de sacrifícios ou enterramentos. Os grupos humanos que ao longo da história fixaram seus assentamentos junto a ambientes aquáticos, em sua maioria utilizaram água tanto para o abastecimento como para cultuar

suas divindades. Esses sítios apresentam uma constituição semelhante aos sítios depositários pelo fato de que os objetos são abandonados. No entanto os sítios santuários possuem características funcionais próprias com objetos variados que são depositados na água de forma intencional, como por exemplo, as oferendas lançadas no mar como presente para Iemanjá muito comum no Brasil (RAMBELLI, 2002).

Contudo, os cenotes de Yucatan são os sítios santuários que mais se destacam. Estão localizados na América Central, sendo o de Chichén-Itzá e o do Lago Amatitlán os mais conhecidos. Consistem em largos poços naturais com paredes abruptas onde os Maias depositavam suas oferendas. Entre os artefatos depositados foram encontrados pequenas figuras feitas em jade, discos de ouro e cobre esculturas em pedra, cerâmicas, sacrifícios humanos e de animais. Os materiais encontrados nos cenotes, em sua maioria estão bem preservados e até intactos e são indicativos da interação e relação existente entre a porção terrestre e subaquática (RAMBELLI, 2002).



Figura 7: Cenote de Yucatan na América Central, exemplo de um sítio santuário com remanescentes humanos. Imagem disponível em: www.eluniversal.com.mx, acessado em 04.09.2014

Os sítios depositários ou de abandono são constituídos por artefatos deixados, descartados ou abandonados pelo homem de forma espontânea ou acidental, seja em ambientes aquáticos ou em lugares que se tornaram com o tempo submerso. Podem

representar um prolongamento das atividades desenvolvidas em terra, estar associado aos vestígios terrestres ou não interagir com nenhum desses contextos. De modo geral tem relação com o ambiente terrestre, pois é um testemunho das atividades desenvolvidas em terra que se estende ao ambiente aquático ou do ambiente aquático para o terrestre. Quando são formados a partir da navegação, da água para a terra são oriundos de áreas portuárias, representando depósitos de restos de materiais derivados das atividades rotineiras das embarcações (RAMBELLI, 2002).



Figura 8: Barco abandonado às margens do rio Cotinguiba, na cidade de Laranjeiras – SE, em um local denominado de “Barracão” pelos pescadores da Colônia Z 14. O local é utilizado pelos pescadores para pesca, tratamento dos peixes, conserto das embarcações e dos materiais utilizados na pescaria. Foto: Moysés Siqueira

O estudo dessas áreas não precisa necessariamente fazer parte do contexto terrestre para trazer bons resultados. Porém, quando integrado as pesquisas realizadas na superfície permitem um contato direto com informações que na maioria são desconhecidas pela documentação histórica. Os ancoradouros e portos naturais que não oferecem estruturas portuárias edificadas podem ser identificados pelas características privilegiadas do local ou por meio do estudo de cartas náuticas (RAMBELLI, 2002). Pesquisas realizadas pelo Departamento de Antiquidades na década de 1970 ao redor do

mar da Galileia identificaram 15 portos antigos e ancoradouros, o que indicam intensa movimentação no lago (FRANZ, 1991).

Os sítios depositários descontextualizados da porção terrestre, está inserido no percurso da água para água. São caracterizados assim por serem provenientes de atividades de navegação, formados pelo descarte intencional ou perdas involuntárias ocorridas durante as viagens. Nesse caso apresentam desde objetos cotidianos até cargas lançadas na água para aliviar o peso dos barcos ou caídas de forma acidental (RAMBELLI, 2002).

Os sítios terrestres submersos são sítios arqueológicos estabelecidos na superfície ou no limite com as águas, que se tornaram submersos decorrentes de efeitos geológicos e climáticos ou por ação antrópica. São basicamente os mesmos sítios encontrados na superfície, com as mesmas características, porém submersos. Devem ser estudados como sítios terrestres, pois são habitats terrestres que foram cobertos pela água, ricos em estratigrafia, com uma diversidade na distribuição espacial e com cultura material própria das ocupações (RAMBELLI, 2002).

Um bom exemplo desse tipo de sítio no Mediterrâneo é a gruta de Cosquer na França e o Farol de Alexandria no Egito. A gruta de Cosquer está localizada perto de Marselha e é formada por um bolsão de ar remanescente do processo de elevação do nível do mar. Ela não está submersa, mas o acesso à entrada encontra-se a uma profundidade de 37 metros. A gruta possui dezenas de obras pintadas e gravadas de aproximadamente 27 a 19 mil anos. Foram encontrados submersos apenas destroços, blocos de diferentes formas e tamanhos do Farol de Alexandria, considerado uma das seis maravilhas desaparecidas do mundo antigo. Evidências atestam que a destruição do Farol se deu por terremotos nos séculos II e IV d.C. (RAMBELLI, 2002).

Pesquisas arqueológicas realizadas na região do Mar Morto atestam que as cidades de Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e Bela conhecida também como Zoar (Gn 14:2) citadas no texto bíblico, estariam atualmente submersas na área que anteriormente formava a extensão sul do Círculo do Jordão (DOUGLAS, 2006).



Figura 9: Blocos de pedra que pertenceram ao Farol de Alexandria. Imagem disponível em: www.unesco.org, acesso em 04.09.2014.

Os sítios de Naufrágios são considerados verdadeiras “cápsulas do tempo”, um espaço socialmente estruturado que deixa de existir em um rápido momento. São os mais importantes da arqueologia subaquática por possuírem cronologia determinada, abundância de artefatos e, diferente dos sítios terrestres, sua integridade esta preservada. Podem ser encontrados no ambiente aquático, inteiramente na superfície ou no limite entre a água e a superfície (RAMBELLI, 2002), como é o caso do barco da Galileia, encontrado em 1986 nas margens do lago após um recuo das águas e a linha costeira ter diminuído consideravelmente (SILVA, 2008).

Através de um estudo detalhado dos elementos dos sítios de naufrágio dentro do contexto, é possível obter informações como técnicas de construção naval através dos tempos, história econômica e cotidiano dos tripulantes da embarcação. Os navios de viagens transoceânicas são modelos de uma pequena comunidade com seus diferentes traços culturais que representa uma amostra do passado (RAMBELLI, 2002).



Figura 10: Escavação do barco da Galileia enterrado na lama. Imagem disponível em: *blog spot gloria.tv*, acesso em 04.09.2014

2.2 – Métodos e Técnicas de Investigação Arqueológica em Ambientes Aquáticos

As técnicas utilizadas na pesquisa arqueológica de ambientes aquáticos não constituem uma ciência nova. O trabalho segue a mesma sequência aplicada em superfície, ou seja, a investigação em gabinete, o registro total e sistemático do trabalho de campo, a conservação do material retirado, análise e interpretação de todo material encontrado e a publicação dos resultados obtidos. O diferencial dos trabalhos realizados em superfície para o submerso é a necessidade que o arqueólogo tem de levar o ar para respirar, adaptar as técnicas das etapas de campo para o ambiente aquático e o uso de técnicas especializadas para conservação do material arqueológico retirado, pois os artefatos submersos encontram-se em equilíbrio com o meio e trazê-los para superfície sem o tratamento adequado corresponde a um processo destrutivo (RAMBELLI, 2002).

No entanto os trabalhos desenvolvidos no ambiente aquático devem ser bem planejados na superfície e ter uma equipe bem treinada, observando fatores como visibilidade da água, correnteza, temperatura e profundidade. Além disso, é necessário que alguém fique na superfície para dar o suporte necessário e controlar o tempo em que cada arqueólogo permanecerá embaixo d'água. Porém, antes de qualquer tipo de intervenção deve ser feito um levantamento sistemático para a confirmação e provável localização da área a ser trabalhada. É importante considerar informações bibliográficas e pessoas que desenvolvem atividades no mar como pescadores, que sem intenção trazem às vezes artefatos submersos nas redes de pesca (RAMBELLI, 2002).

Em áreas pequenas e com pouca profundidade, são utilizados os levantamentos diretos. Os indiretos por sua vez, são feitos com o uso de equipamentos sofisticados. Quando diretos são classificados em: levantamento em círculos concêntricos, retângulos, triângulos equiláteros, pêndulos, perpendiculares ou trilatação, em corredeiras, com a ajuda de um propulsor ou scooter e com a ajuda de planadores puxados por barcos ou aquaplanos (RAMBELLI, 2002).

Em ambientes onde a profundidade impede e dificulta a permanência de mergulhadores por muito tempo, são utilizados equipamentos de efeitos geofísicos que permitem a localização de sítios arqueológicos submersos não visíveis aos pesquisadores. Os aparelhos de técnicas geofísicas mais utilizadas na arqueologia são três: Magnetômetro de prótons, sonar de varredura lateral e diagramador do subsolo marinho (RAMBELLI, 2002).

Com o uso de um sonar de varredura lateral e outro aparelho chamado de batimetria que faz um mapeamento detalhado da morfologia submersa, pesquisadores identificaram no lado sudoeste do lago da Galileia uma estrutura submersa, ligeiramente assimétrica, formando uma pilha de pedras em formato de um cone. As imagens do sonar mostraram que a estrutura era circular. Mergulhadores identificaram que a estrutura é composta por pedras de basalto, material este que é encontrado também em torno do lago. Uma possível interpretação diz que a estrutura seria uma espécie de viveiro de peixes, mas não foi confirmada por achados arqueológicos, pois tais estruturas são comuns nas margens do lago, porém em tamanho menor (The International Journal of Nautical Archaeology, 2013).

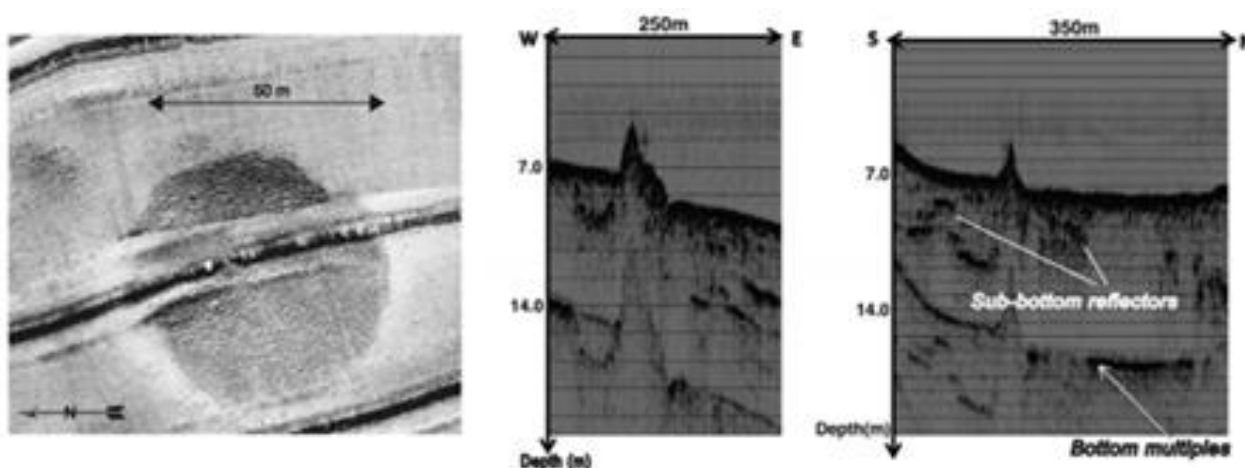


Figura 11: Imagens do sonar de varredura lateral, utilizado nas pesquisas do Mar da Galileia. Imagem disponível em: *The International Journal of Nautical Archaeology*, 2013.

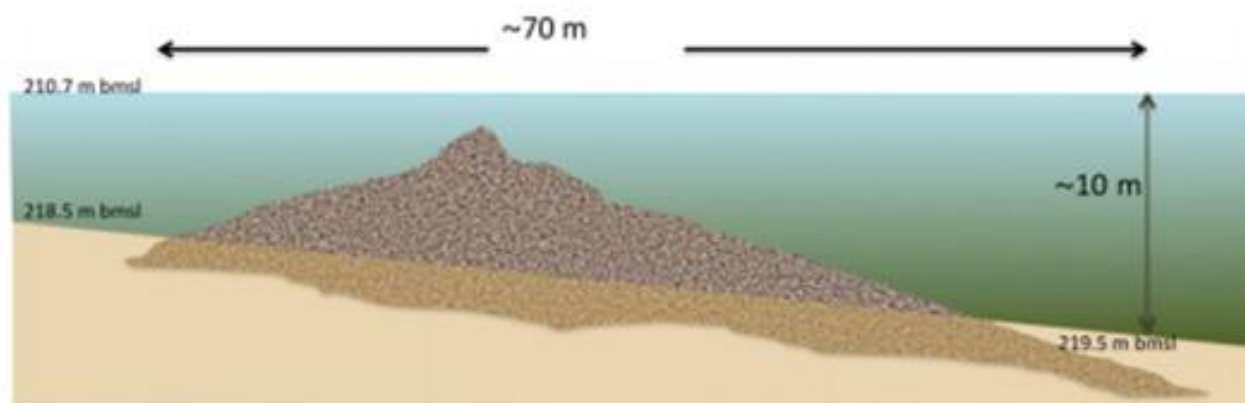


Figura 12: Estrutura circular de pedras de basalto submersa no Mar da Galileia. Imagem disponível em: *The International Journal of Nautical Archaeology*, 2013.

As prospecções sistemáticas e escavações de ambientes aquáticos não são feitas apenas com o objetivo de retirar sedimentos que cobrem os sítios arqueológicos ou pela procura de artefatos. O principal objetivo é recuperar com maior precisão a forma e as condições em que se encontravam os objetos no momento e circunstância em que foram depositados. Cada etapa do processo é cuidadosamente registrada e os detalhes evidenciados são devidamente documentados por meio de desenhos, fotos ou vídeos. Os instrumentos utilizados na escavação em superfície são os mesmos que são usados no

ambiente submerso, sendo alguns adaptados como, por exemplo, o papel com textura especial resistente a água e a caneta em PVC (RAMBELLI, 2002).

3 – A Galileia: Dos templos bíblicos e atualmente

O nome Galileia vem do hebraico *galil*, que significa anel, círculo, um planalto rodeado por planícies exceto a parte norte. A região fez parte do Império Romano, governada por Herodes, o Grande, Herodes de Antipas e Herodes Agripa. Foi colonizada por judeus desde tempos antigos, mas acredita-se que em um determinado período foi recolonizada, passando a apresentar uma diversidade populacional, sendo esse um dos fatores que contribuíram para que os galileus fossem desprezados pelos judeus do sul (DOUGLAS, 2006).

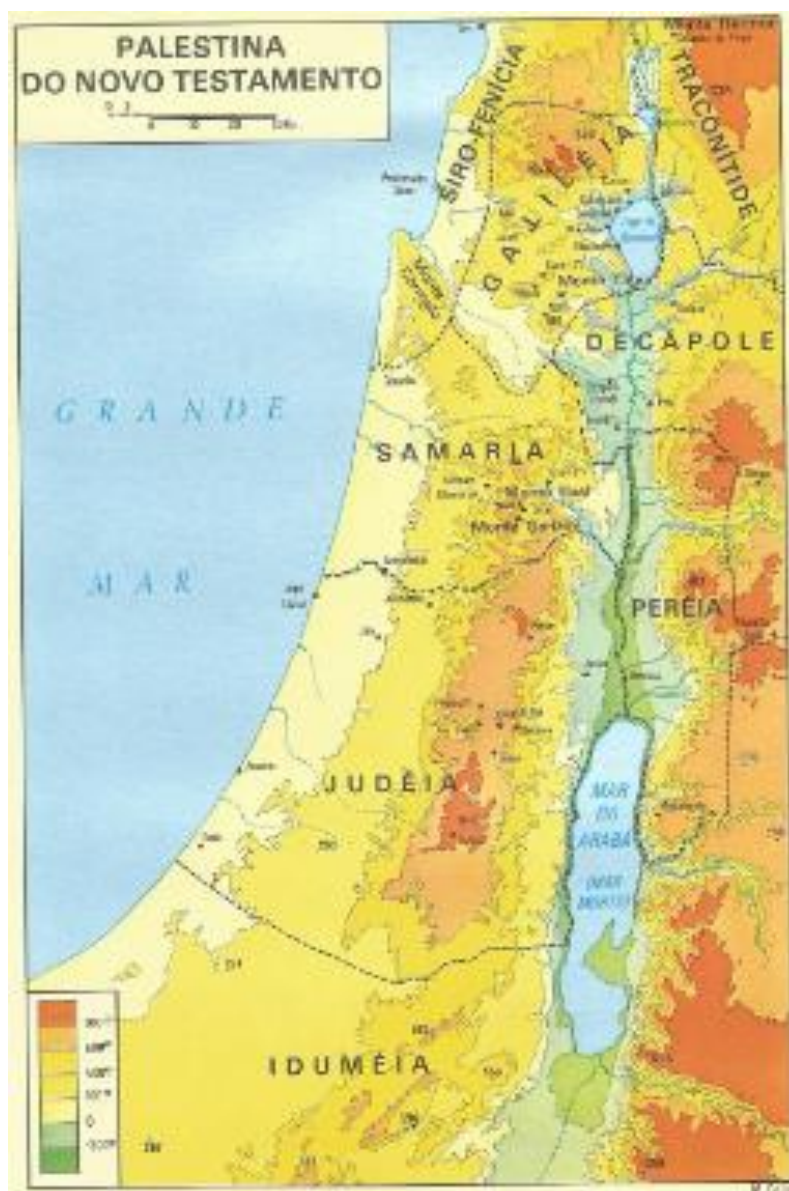


Figura 13: Mapa da Palestina no Novo Testamento. Imagem disponível no Atlas Bíblico, Bíblia de Jerusalém, 2010.

Em termos geográficos, a Galileia é dividida em dois níveis diferentes do norte para o sul, sendo o nível mais alto chamado nos tempos bíblicos de Galileia Superior, área coberta por florestas, acima do nível do mar 1 000 metros e densamente habitada. Na Galileia Inferior, situada no nível mais baixo, entre 500 e 700 metros acima do nível do mar, está localizado o Mar da Galileia, uma região cercada por ribeiros que fluíam das montanhas do norte e bacias de pedra calcária entre suas colinas com extensa área de terras férteis, descrita na maioria das narrativas bíblicas do Novo Testamento. (DOUGLAS, 2006).



Figura 14: Mar da Galileia e o curso do rio Jordão e Mar Morto. Imagem disponível em: <http://aquieuaprendi.blogspot.com.br/2013/11/mar-da-galileia.html>, acesso em 28.10.2014.

O Mar da Galileia é chamado no Antigo Testamento de Mar de Quinerete e no Novo Testamento de Lago de Genesaré ou Mar de Tiberíades, mas atualmente tem um nome hebraico, Yam Kinneret e pertence ao Estado de Israel. Com aproximadamente 21 Km de comprimento por 11 Km de Largura é formado por água doce e fica em uma depressão de 212 m abaixo do nível do mar. Nas planícies e praias ao redor, foram formadas as cidades e pequenos vilarejos citadas no relato bíblico: Corazim,

Cafarnaum, Genesaré, Magdala, Tiberíades, Betsaida e Gergesa. O rio Jordão atravessa o lago do norte para o sul e, pela localização, nas profundezas do vale do rio Jordão, cercado por colinas, é comum, desde os tempos bíblicos as tempestades súbitas e perturbações atmosféricas (DOUGLAS, 2006).



Figura 15: Cidades ao redor do Mar da Galileia nos tempos do Jesus histórico. Imagem disponível em Atlas da Bíblia Arqueológica, NVI, 2013.

Não se conhece muito sobre a aldeia de Corazim, ela é mencionada na bíblia como um local que fez parte do ministério de Jesus (Mt 11:21, Lc 10:13) e atualmente é identificada com o nome de Kerazeh, localizada a 4 km de Cafarnaum (DOUGLAS, 2006). A cidade de Cafarnaum, no lado noroeste do lago, tinha uma economia baseada na pesca e agricultura. A presença de um centurião na cidade pode ser um indicativo de que ali havia uma base militar romana (Mt 8:5). Escavações feitas por arqueólogos

franciscanos entre 1968 e 1985, nas ruínas de uma antiga sinagoga, revelaram um grupo de aproximadamente 12 casas construídas com pedra preta de basalto e pequenos seixos, organizadas ao redor de um pátio central, com fornos e pedras de moagem (BÍBLIA ARQUEOLÓGICA, NVI, 2013).

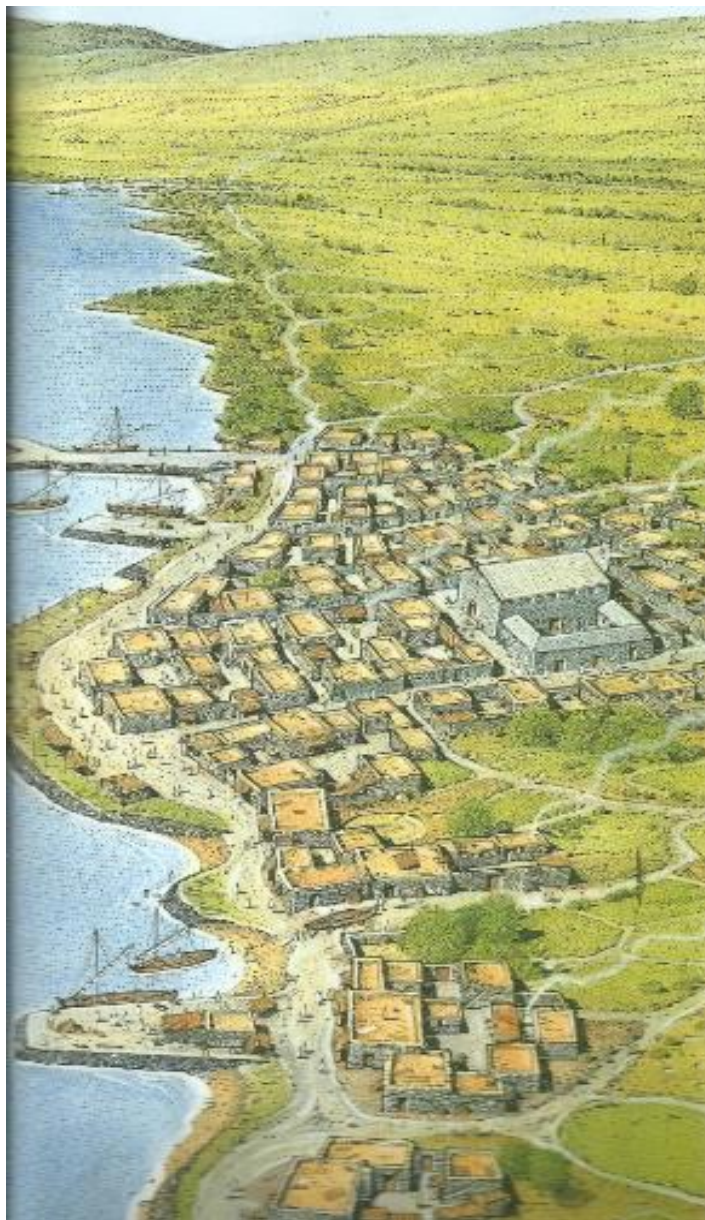


Figura 16: Reconstrução de Cafarnaum do século I. Imagem disponível em: Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia, 2008.

A casa maior chamou a atenção por apresentar um assoalho de pedra calcária batida e paredes de gesso repletas de figuras decorativas como flores, romãs e

numerosas cruzes com inscrições fragmentadas em diversos idiomas, sendo em sua maioria orações contendo o nome do apóstolo Pedro, por isso, acredita-se que essa residência tenha sido dele e foi venerada na antiguidade como lugar de peregrinação cristã.



Figura 17: Ruínas da Casa de Pedro em Cafarnaum. Imagem disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/72555618> , acesso em 04.11.2014

Nos tempos bíblicos do Novo Testamento, as classes urbanas menos favorecidas moravam em edifícios aglomerados com múltiplos andares, divididos em numerosos apartamentos envolta de um pátio central, chamados de cenáculos (BÍBLIA ARQUEOLÓGICA, NVI, 2013). Os andares eram construídos de pedra locais de basalto e revestidos de barro e palha para efeito de climatização. As paredes eram feitas de pedra empilhadas, com cascalhos e os telhados, feitos de sapé e barro, eram o local onde secavam os peixes e servia para dormitório (CROSSAN, 2007).

A cidade de Genezaré, também conhecida como Quinerete era uma pequena planície em forma triangular estabelecida do lado noroeste do Mar da Galileia, sendo esse o motivo do nome Mar de Quinerete. Magdala, conhecida como Magdalena ficava na parte ocidental do lago, ao norte de Tiberíades, provavelmente o local onde Maria Madalena nasceu. Tiberíades por sua vez, foi construída por Herodes de Antipas e representava uma Cesaréia Marítima. Sua localização do lado ocidental a deixava em uma posição defensiva entre pedras rochosas situadas acima do lago, próximo a

algumas fontes termais, com belos edifícios e um cemitério antigo, o que a tornava a cidade imunda para os judeus (DOUGLAS, 2006). Atualmente Tiberíades é conhecida pelas fontes termais terapêuticas e pelo Parque Aquático da praia de Gai.

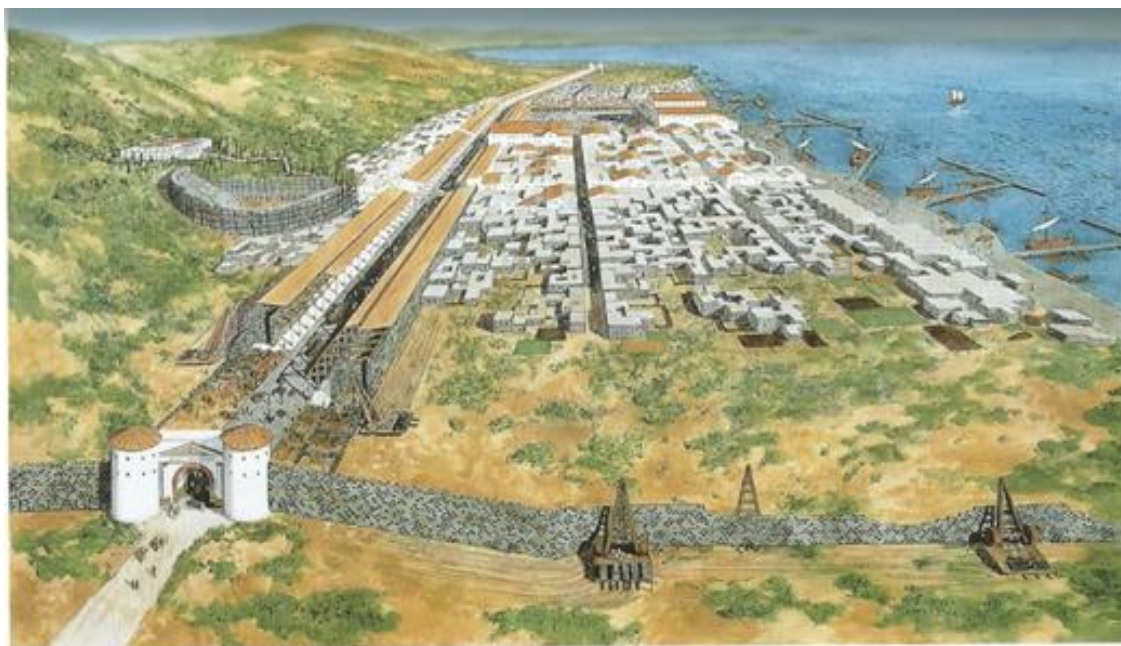


Figura 18: Reconstrução de Tiberíades do primeiro século, situada no lado ocidental do Mar da Galileia. Imagem: CROSSAN, 2007.

Betsaida situava-se no lado norte do Mar da Galileia, próximo ao rio Jordão. Herodes Felipe reedificou a cidade elevando-a de um simples vilarejo de pescadores ao status de cidade. Em homenagem a esposa de Augusto e mãe de Tibério, Lúvia Júlia, deu o nome à cidade de Julias. Gergesa, localizada no lado oriental do lago é conhecida por Khersa e fica próxima a Gadara. Existe uma contradição no que diz respeito a essa aldeia. Teólogos e pesquisadores divergem no que diz respeito se Gadara e Gergesa tenham sido a mesma aldeia, ou lugares diferentes em locais próximos. No entanto Gergesa atualmente tem sido identificada como Kursi e está mais próxima as margens do mar da Galileia. Arqueólogos identificaram ruínas de um templo bizantino que provavelmente foi construído em comemoração a cura do endemoninhado (DOUGLAS, 2006).

As aldeias ao redor do lago mantinham a comunicação e comercio. A pesca fazia parte da economia do Império Romano, sendo também um item de fundamental importância na vida dos galileus, porque alguns aldeias têm significados relacionados com a pesca como é o caso de Betsaide (casa de peixe) e Magdala (cidade do peixe conservado). A região foi exportadora de azeite de oliveira, cereais e peixes, que

também eram comercializados na região da Fenícia (BÍBLIA ARQUEOLÓGICA, NVI, 2013).

Atualmente o Mar da Galileia é a principal fonte de água de Israel e a região mais popular e a maior em variedade de comunidades étnicas, com uma mistura de lugares históricos e religiosos. A abundância de água e o solo fértil desde os tempos bíblicos têm contribuído para que a região seja densamente habitada. O turismo e atividades aquáticas nas praias ao redor do lago tem sido um grande contribuinte para o desenvolvimento do país. Tiberíade, a maior cidade do mar da Galileia é conhecida pelas fontes termais terapêuticas. A pesca ainda faz parte do cotidiano da região. No Mar da Galileia são encontradas 24 espécie de peixes, algumas delas em grandes cardumes (KINDERSLEY, 2012).



Figura 19: Mapa atual do Mar da Galileia. Imagem: *google maps*, acesso em 10.09.2014

Ao redor do lago da Galileia existem os Kibutzim, comunidades agrícolas, muito produtivas, que realizam reuniões e plenárias próprias para decidir questões comunitárias e compartilham produtos entre si. O movimento de Kibutz teve início no final do século XX, quando um grupo de jovens do leste europeu decidiram unir o comprometimento, igualitarismo, amor a natureza e trabalho no campo com a crença do sionismo, movimento político que com a mesma filosofia, crença e ideais, visa agrupar forças no trabalho para o fortalecimento do Estado de Israel.

Existe aproximadamente 270 Kibutz em Israel, sendo três deles no Mar da Galileia. O primeiro a ser fundado no ano de 1909 chama-se Degania Alef,. O barco da Galileia foi encontrado próximo ao Kibutz de Ginosaar e hoje está exposto no museu local. Nos Kibutzs é comum encontrar objetos arqueológicos que são resgatados e guardados pelos moradores. Próximo ao barco foram encontradas também pregos de ferro e moedas de bronze o que contribuíram para a datação (KINDERSLEY, 2012).



Figura 20: Foto de um Kibutz situado no Mar da Galileia. Imagens disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/cultura/kibutz-a-utopia-igualitaria/>
Acesso: 17.09.2014

4- O barco da Galileia

Em 1986 as águas do Mar da Galileia recuaram em consequência de um longo período de estiagem, o que diminuiu consideravelmente a linha costeira. As águas do lago foram bombeadas para irrigar campos ressecados. Lugares que normalmente estavam encobertos foram expostos. Dois jovens, filhos de pescadores, estavam caminhando ao longo da praia ao sul do Kibutz de Ginnosar, localizado à margem ocidental do lago, entre a antiga Magdala e Cafarnaum, em busca de artefatos, costume comum na região, quando observaram os contornos de uma estrutura de madeira enterrada na lama (SILVA, 2008). Especialistas do Departamento de Antiguidades e Departamento de Antiguidades Submarinas foram chamados para analisar o achado e concluíram que se tratava dos restos de uma embarcação.

A partir de então deu início a um longo processo de recuperação e restauração do barco antes que o nível das águas o cobrisse novamente. Para facilitar os trabalhos, foi construído um dique em volta do local para impedir que a água inundasse a escavação e utilizado bombas foi retirada toda água embaixo dele. Porém mantendo sempre a madeira molhada enquanto a lama era removida do casco. O barco esteve enterrado na lama por cerca de dois mil anos, o que o protegeu de bactérias e da deterioração (SILVA, 2008).



Figura 21: Escavação do barco da Galileia. Arqueólogos retirando a lama. Imagem disponível em: Revista Desperta!, 2006.

Para reforçar o trabalho o barco foi envolvido por fibra de vidro, preenchido com uma substância sintética chamada de poliuretano para a melhor preservação da estrutura. Em seguida, foram cavadas valetas e reforçado os lados do barco que por fim ficou totalmente empacotado. A água foi novamente bombeada para dentro das valetas o que permitiu que o barco boiasse novamente depois de dois mil anos. Após ter sido retirado da água, os pesquisadores o levaram para um tanque construído especialmente para receber a estrutura, no Kibutz de Ginnosar (SILVA, 2008).



Figura 22: O barco da Galileia flutuando depois de dois mil anos. Imagem disponível em: Revista Desperta!, 2006.

O poliuretano que o envolvia foi retirado e o barco foi mergulhado em água com produtos químicos para ajudar na preservação da madeira que em seguida, foi revestida de cera sintética para que finalmente ele fosse exposto para visitação pública no museu de Yigal Allon Center, no próprio Kibutz. Os testes feitos com carbono 14 confirmaram que se tratava de uma embarcação construída entre 100 a.C e 70 d.C. Junto ao barco foram encontrados um vaso de cerâmica e uma lamparina (SILVA, 2008).



Figura 23: O barco da Galileia envolvido na substancia chamada polietano. Imagem disponível em: http://www.geocities.ws/paz_israel/peter.htm , acesso em 30.10.2014.

O barco tem o comprimento de 8,2 metros por 2,3 metros de largura e 1,2 metros de profundidade, com capacidade de transportar 15 passageiros. Apresenta o modelo de “casco primeiro”, com encaixes de tábuas de cedro e armações de carvalho (SILVA, 2008). Segundo Crossan, 2007, a embarcação foi construída originalmente de madeira aproveitada de barcos mais velhos e obsoletos da própria região, portanto de qualidade inferior. A única peça fabricada com madeira apropriada é a proa, feita de cedro do Líbano, no entanto foi retirada de outro barco e apresentava marcas de conexões antigas (CROSSAN, 2007).

O casco era unido por encaixes, fixados por cavilhas de carvalho bem medidas e seladas com resina de pinheiro, concluído por uma moldura fixada por pregos de ferro para dar estabilidade ao barco, que por sua vez era todo untado com betume. Os pescadores galileus trabalhavam para manter os barcos sobre as águas, remendando-os com pedaços de madeira para substituir aqueles que se deterioravam. Fragmentos de madeira foram encontrados nas proximidades do barco da Galileia, o que indica que o local era um estaleiro (CROSSAN, 2007).



Figura 24: Barco da Galileia exposto no museu do Kibutz de Ginosar. Imagem disponível em: <https://gloria.tv/?media=374690>, acesso em 30.10.2014.

Segundo Crossan, 2007 “Nenhum construtor de barcos do Mediterrâneo teria coragem de usar boa parte das tábuas de encaixe de baixa qualidade, como pinho, jujuba e salgueiro”. É provável que com o passar do tempo os encaixes começaram a se soltar, as madeiras racharam e as cunhas apodreceram, sendo esse o motivo pelo qual foi abandonado sob as águas onde por fim afundou. A forma em que foi construído e os materiais utilizados são indicativos de que o proprietário era um experiente construtor de barcos e trabalhava com poucos recursos, apesar de lhe faltar materiais necessários (CROSSAN, 2007).

Nos sítios de ambientes aquáticos, como já foi mencionado, a conservação do material é muito boa, principalmente os de naufrágios que são verdadeiras “cápsulas do tempo”. Seria como encontrar algo que deixou de existir de repente (RAMBELLI, 2003) Uma embarcação naufragada representa restos materiais de um momento social que foi interrompido de forma repentina. No entanto, Rambelli, 2003 ressalta para o fato de:

Mas é preciso chamar a atenção para o fato de que existe um certo perigo conceitual na metáfora de cápsula do tempo para os sítios de naufrágios, pois não é uma regra. Tudo depende do processo de formação e de conservação do sítio (RAMBELLI, 2003, p 80).

Dependendo do local e da dinâmica marinha, o material arqueológico referente à embarcação pode estar espalhado. Porém, conforme o processo de formação e conservação do sítio, ele poderá oferecer ao pesquisador um conjunto de evidências materiais da época da embarcação, inclusive da vida a bordo. (RAMBELLI, 2003). De acordo com Blot, 1999, o barco, em todas as épocas, sempre representou um custo de frete mais baixo do que todas as opções por via terrestre, relação excepcionalmente vantajosa, entre a energia despendida e a unidade de carga deslocada. Essa equação sempre foi conhecida por todos os mercadores do planeta (BLOT, 1999).

A pesca e a navegação estavam incluídas na economia do Império Romano. As viagens marítimas eram realizadas entre 26 de maio e 15 de setembro, pois fora desse período o céu podia ficar coberto de nuvens e a navegação difícil sem a orientação do sol e das estrelas. Grande parte dos navios mercantes de Roma eram a vela, mas levavam sempre a bordo remos para alguma situação de emergência. Os remos grandes eram usados na popa e serviam também de leme, podiam ser amarrados numa posição fixa para assegurar uma boa navegação durante as tempestades. Geralmente, as embarcações pesavam entre 70 e 300 toneladas e as maiores chegavam a pesar 1300 toneladas. Os navios carregados de cereais levavam cerca de três semanas para ir de Alexandria a Óstia, porto de Roma. Mas os navios mais rápidos percorriam essa distância em nove dias, com condições de navegação favoráveis. Os naufrágios eram relativamente comuns naquela época (Atos 27:37) (LAWRENCE, 2008).



Figura 25: Modelo de um navio mercante romano, datado do século I a.C . Imagem disponível em: Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia, 2008.

A importância da descoberta do barco da Galileia deve-se ao fato de que pouco se conhece sobre as embarcações que navegavam no lago na época do Novo Testamento. As únicas informações existentes são provenientes de mosaicos com desenhos de barcos ou dos escritos de Flávio Josefo, historiador de origem judaica que viveu entre 37 e 103 D.C. (SILVA, 2008).



Figura 26: Mosaico de um barco encontrado em Magdala. Imagem disponível em: <http://www.magdalaproject.org> , acesso em 04.11.2014

Os barcos eram equipados com velas e remos que possibilitavam o deslocamento nos períodos de calmaria (Mc 6:48, Jo 6: 19). Porém, não eram utilizados apenas para a pesca, mas para o transporte e em certa ocasião, foi usado até como púlpito (Lc 5: 1-11) (BÍBLIA ARQUEOLÓGICA, NVI, 2013).

Evidências de papiros do Egito no período ptolomaico indicam que o comércio de peixe na região da Galileia era altamente desenvolvido. A técnica de salgar os peixes permitia que os excedentes do pescado pudessem ser tratados como os excedentes da agricultura comercial. Magdala, conhecida também com o nome grego de Tarichea, servia também de depósito e mercado comprador e distribuidor de grande parte da produção desenvolvida ao redor do lago. Nessa cidade havia também atividades secundárias como produção de cerâmica e construção e conserto de barcos (FREYNE, 2008).



Figura 27: Reconstrução de uma casa com pátio em Cafarnaum do século I, baseado na casa de Pedro. Imagem disponível em CROSSAN, 2007.

O relato de Lucas 5:6 também descreve a pesca no Mar da Galileia como sendo abundante. Os pescadores selecionavam os peixes na praia sendo os comestíveis colocados em cesto e os demais considerados inúteis ou inapropriados e eram jogados fora (Mt 13:48). Os principais tipos de peixes encontrados eram tilápia, carpa e a sardinha. Antes da comercialização, os peixes passavam por um processo onde eram

secados ao sol para venda, ou transformados em molho para que fossem importados por todo o Mediterrâneo. De acordo com o relato bíblico, o peixe assado e salgado era um alimento comum entre os moradores da região (Tb 6:5, Jo 21:9) (BÍBLIA DE JERUSALEM, 2010).

O trabalho de um pescador na Galileia era cansativo e exigia um porte físico forte (Lc 5:2). Alguns dos discípulos eram pescadores, sócios na indústria da pesca e trabalhavam juntos (Lc 5:7,10). O relato bíblico descreve a pescaria com arpão, (Jo 41:7) anzol (Mt 17:27) e redes de pesca (Mt 4: 20, 21). Os pescadores costumavam pescar a noite (Lc 5:5) em pequenas embarcações e durante o dia na praia mergulhados com água até a cintura usando redes de arrastão (Mt 4:18, Lc 5:4). Na pescaria, os peixes eram despejados nos barcos (Lc 5:7) ou os pescadores arrastavam as redes até a praia (Mt 13:48, Jo 21:8). A bíblia não menciona a pesca como sendo um ato de diversão e lazer, mas sempre como uma atividade econômica, parte de um pequeno negocio familiar cooperativo (DOUGLAS, 2006).

Os cercos de peixe são instalações antigas bem conhecidas no Mar da Galileia e fazem parte desse cenário de pesca. Construídas com a finalidade de atrair os peixes, essas estruturas são encontradas perto das margens do lago em intervalos regulares e de forma geral são feitas de basalto e seixos empilhados de forma circular (The International Journal of Nautical Archaeology, 2013).



Figura 28: Imagens da estrutura submersa de basalto encontrada no Mar da Galileia. Imagem disponível em: *The International Journal of Nautical Archaeology*, 2013.

A presença de portos ao redor do Mar da Galileia é um indicativo da intensa movimentação no lago e atestam para sua importância comercial. As estruturas portuárias são consideradas como sítios de interface. No entanto, os ambientes portuários podem conter todos os tipos de sítios arqueológicos de ambientes aquáticos o que reforça desenvolver uma pesquisa detalhada tanto em terra quanto embaixo d'água (CAMARGO, 2009).



Figura 29: Mapa dos portos antigos ao redor do Mar da Galileia. Imagem disponível em: Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia, 2008.

Segundo CAMARGO 2009, a paisagem marítima tem estruturas físicas ligadas às necessidades dos marinheiros e embarcações, sendo as embarcações os componentes móveis. Uma paisagem marítima é um produto histórico disseminado pelos lugares e territórios localizados entre a terra e a água, estruturas físicas ligadas necessárias às atividades de navegação (CAMARGO, 2009).

Nessa perspectiva os portos antigos do Mar da Galileia juntamente com o cerco de peixe de pedra encontrado submerso e a descoberta do barco constituem um cenário marítimo, uma vez que,

“(...) Uma embarcação é o meio de transporte que liga uma terra à outra e não um fim em si mesmo. Apesar de sua estrutura física e de seu modo de condução peculiares, ela só existe para ligar uma porção de terra separada por água de outra porção de terra. Ainda assim, quem está sobre essa estrutura flutuante- ou quem estuda- enxerga às terras a partir de uma “terceira margem”. Seguindo essa linha de pensamento uma rua de comércio numa cidade litorânea tem sua continuidade física e social num cais, o qual, por sua vez, tem sua continuidade inexorável nos bolsões de lixo submersos, formados pelo descarte dos dejetos das atividades diárias da tripulação de uma embarcação que ao cais tenha estado atracada. E essas extensões materiais vão até mesmo aos naufrágios próximos, uma vez que esses navios que constituem esses sítios de naufrágios podem ter partido desses cais, com mercadorias negociadas na rua de comércio ou inversamente, podem ter tentado chegar ao cais com mercadorias destinadas à rua comercial em questão” (CAMARGO, 2005 – 2006, APUD 2009).

Por se tratar de uma embarcação que não está mais em atividade, analisar o ambiente aquático contribui com novas informações e abordagens (CAMARGO, 2009). A importância do barco para um marinheiro ou pescador é evidente. Contudo, os barcos têm sido constantemente ignorados pelos manuais de arqueologia que tratam de assuntos que vão desde telhas até os vestuários. Praticamente tudo que saiu das mãos do homem fez, em qualquer altura, parte da carga de navios e alguns encontram-se afundados (BASS, 1969).

Considerações Finais

Sobre o mar e porque não dizer, sobre “águas”, já dizia Joseph Conrad 1874 “*o mar, que joga com os homens até que seus corações se quebrem e consome valorosos navios até a morte. Não pode tocar persistente amargura de sua alma. Aberto a todos e fiel a nenhum, ele exerce seu fascínio para perdição do melhor*” (CONRAD, 1999).

Semelhante ao fascínio de Joseph Conrad, o rei Salomão escreve no livro de salmos, capítulo 107: “*Os que descem ao mar em navios mercando nas grandes águas, esses veem as obras do Senhor e as suas maravilhas no profundo, pois Ele manda e se levanta o vento tempestuoso, que eleva as suas ondas, sobem aos céus, descem aos abismos e a sua alma se derrete em angústias*”. O ambiente aquático sempre exerceu fascínio sobre os homens em épocas e sociedades diferentes.

As águas da Galileia de acordo com fontes literárias e pesquisas arqueológicas apresentam um grande potencial de pesquisa. Havia intensa movimentação no lago no que diz respeito à atividade de pesca e transporte de produtos e pessoas fazendo uso de pequenas embarcações. Dessa forma é aconselhável que nos estudos sobre a região sejam incluídos ambiente aquático.

O uso de um sonar de varredura lateral nas pesquisas do Mar da Galileia consistiu em um importante avanço arqueológico. No entanto, segundo o *The International Journal of Nautical Archaeology*, 2013 é necessário uma investigação subaquática para explorar o contexto arqueológico da estrutura e identificar possíveis artefatos.

A Arqueologia desenvolvida recentemente na região tem muito a oferecer tanto para o estudo sobre o Jesus histórico, como para estudos rabínicos (HORSLEY, 2000) e até para a própria Arqueologia de Ambientes Aquáticos. Porém, segundo HORSLEY, 2000 o problema das pesquisas arqueológicas na Galileia deve-se ao fato de que os resultados não são incorporados regularmente nos relatórios arqueológicos. Boa parte dos achados que são retirados do solo continuam sendo agrupados por categorias como se estivessem em um arquivo de museu e são construídos “contextos” para artefatos “descontextualizados” (HORSLEY, 2000).

Ao se tratar da vida social na Galileia, pesquisadores atuais supõem que ela foi classificada em categorias como “judeus” ou “helenísticos”, sendo feitas generalizações a partir da descoberta de alguns artefatos. Assim, uma casa, um sítio ou uma área são classificados pelo mesmo procedimento. Cada um tem se dedicado a responder suas

próprias questões. Mas somente nas últimas décadas os arqueólogos se interessaram pelo estudo da região da Galileia e adotaram suas próprias estratégias de pesquisa. Contudo, mesmo aproveitando as fontes textuais em seus relatórios e interpretações, os arqueólogos galileus não conseguiram aprimorar um desenvolvimento de análise crítica desses textos (HORSLEY, 2000).

A falta de publicações arqueológicas na região da Galileia principalmente no que diz respeito à Arqueologia de Ambientes Aquáticos trouxe dificuldades para a realização desse trabalho, porém nos motivou a apresentar a temática para ser discutida na Academia brasileira.

Podemos observar que a maioria dos elementos que compunham o ambiente aquático na Galileia estão presentes nos símbolos e significados do cristianismo até os dias atuais. Faz-se necessário uma continuação da discussão aprofundando o tema em todos os aspectos principalmente na compreensão da vida do pescador da Galileia e da importância do barco para a sociedade da época.

1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA DE ESTUDO ARQUEOLÓGICA – Nova Versão Internacional, Editora Vida, São Paulo- SP, 2013.

BÍBLIA DE JERUSALÉM- Nova Edição Revista e Ampliada, Editora Paulus, São Paulo – SP, 2010.

BLOT, Jean-Yves. o mar de Keith Muckelroy: o papel da teoria na arqueologia do mundo náutico. Al-Madan, Almada, Centro de Arqueologia, Série 2, n. 8, out. 1999.

CAMARGO, Paulo Bava, “Arqueologia de uma cidade portuária: Cananéia, séculos XIX-XX, Tese de Doutorado (Doutorado em Arqueologia) – apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CONRAD, Joseph. “O Espelho do Mar seguido de Um Registro Pessoal” – Tradução Celso M. Paciornik, Editora Iluminuras, São Paulo-SP, 1999.

CROSSAN, John Dominic & Jonathan Reed – “Em Busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos”, Editora Paulinas, São Paulo-SP, 2007.

DOUGLAS, J. D. “O Novo Dicionário da Bíblia”, editora Vida Nova. São Paulo, SP, 2006.

DURAN, Leandro Domingues, “Arqueologia Subaquática ou Arqueologia Marítima? Definindo Conceitos, contextualizando práticas e assumindo posições”. Revista Vestígios, 2012.

FREYNE, Sean, “Jesus, um judeu da Galileia, nova leitura da história de Jesus”, editora Paulus, São Paulo, 2008

GONZÁLEZ , Justo L. “ A era dos Mártires”, Tradução Key Yuasa, Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 1995.

HORSLEY, Richard A. “Arqueologia, história e sociedade na Galileia, o contexto social de Jesus e dos Rabis”. Editora Paulus, São Paulo, 2000.

LAWRENCE, Paul, “Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia” tradução de Susana Klassen e Vanderlei Ortigoza, Editora Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP, 2008

RAMBELLI, Gilson. Arqueologia até debaixo d’água. Maranta, São Paulo, 2002.

_____. 2003. Arqueologia subaquática do Baixo Vale do Ribeira, SP. Tese (Doutorado em Arqueologia) Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo.

RODRIGUES, Gabriela Barbosa, 2011. Arqueologia Bíblica: um estudo de narrativas e discursos acerca de sua constituição como disciplina, SP. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas.

SCHULER, Mark T. – Concordia Theological Quarterly- “Recent Archaeology of Galilee and the Interpretation of Texts from the Galilean Ministry of Jesus”, 2007.

SILVA, Rodrigo. “A Arqueologia e Jesus, uma abordagem histórico-científica da Vida e obra de Jesus de Nazaré”. Editora Paradigma, Artur Nogueira-SP, 2007.

TRIGGER, B. História do Pensamento Arqueológico. Editora, Odysseus, São Paulo, 2004.

WACHSMANN, Shelley – “The Galille Boat” – 2,000- Year Old Hull Recovered Intact, 1988.

Outros documentos consultados:

Artigo de Gordon Franz, “Ancient Harbors of the sea of Galilee, 1991

Dorling Kindersley, Guia Visual, Folha de São Paulo, “Jerusalem e a Terra Santa, 2012

The International Journal of Nautical Archaeology, 2013

Sites Consultados

<http://www.capernaum.custodia.org/default.asp?id=5379>,

<http://198.62.75.1/www1/ofm/sites/TScpsurv.html>

<http://198.62.75.1/www1/ofm/sites/TScpsyn4.html> ;

http://www.academia.edu/Documents/in/Galilean_Archaeology